



Olhares negros, olhares opostos: bell hooks e o amor à negritude

(*Black views, opposing views:
bell hooks and the love of blackness*)

(*Miradas negras, miradas opuestas:
bell hooks y el amor por la negritud*)

Livro resenhado: HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

Julio Cesar Sanches¹

A tradução de *Olhares negros: raça e representação*, livro da crítica literária afro-americana bell hooks, chega ao público brasileiro num importante momento de reafirmação da cultura negra em diáspora pelo mundo. Diante dessa obra que compila doze ensaios sobre cultura e representações negras, encontramos profícuas análises sobre o estatuto das representações do corpo e da cultura negra no entretenimento pop estadunidense. Com prefácio da professora Dr^a Rosane Borges, pesquisadora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), o livro aborda desde a necessidade de entendimento dos processos de apropriação cultural realizadas pela supremacia branca capitalista até as dinâmicas de resistência descolonizadoras elaboradas por pessoas e comunidades negras diante de representações estereotipadas.

Partindo do lugar de fala de uma feminista negra, bell hooks elabora uma sofisticada análise sobre os modos de subjetivação do corpo da mulher negra na literatura, no cinema e nas produções audiovisuais que compõem a cultura midiática contemporânea. Já na introdução, hooks conclama suas leitoras e leitores a se reconciliarem com seus corpos e suas identidades, possibilitando a constituição daquilo que ela classifica como “atitude revolucionária de amar a negritude”. Partindo dessa premissa de amor à negritude, a autora inaugura o texto afirmando que o trabalho a ser feito é o de desobedecer às normas e formas que consolidaram uma

¹ Doutorando em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante do NECHS - Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde. Atualmente, é professor Substituto do IHAC/UFBA. Bolsista CAPES. sanches.julius@gmail.com.



iconografia racista na cultura ocidental, fabricando não apenas um novo olhar, mas também imagens alternativas e críticas ao que já foi produzido no seio das políticas de representação.

A insubordinação é a principal tônica da crítica de bell hooks quando diz respeito aos modos como a cultura da supremacia branca, vista pela autora como um efeito do histórico colonial que marca a racialização dos corpos, exerce o poder hegemônico na fabricação de imagens e imaginários. hooks propõe uma rebeldia negra e uma tomada de consciência sobre os processos de subjetivação forjados pela imagem e pelo imaginário social colonizador. A autora ataca, sobretudo, as figuras estereotipadas do homem negro violento, falocêntrico e estuprador e da mulher negra animalesca e hipersexualizada, por exemplo. Nesse sentido, hooks apela para a atitude de amar a negritude como fórmula de descolonização do olhar. Segundo a autora, “apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhares”. (p. 39)

A busca por novos olhares (ou olhares opositores, tal como afirma no ensaio “O olhar opositor: mulheres negras espectadoras”) é uma das estratégias políticas que bell hooks elabora para que a descolonização seja efetivada. Esse entendimento sobre a necessidade de descolonização do olhar atravessa os ensaios que compõem o livro, destacando primordialmente as dimensões socioculturais que forjaram a ambiência hegemônica de uma cultura de supremacia representacional branca.

Dialogando com um referencial dos estudos culturais, estudos pós-coloniais e dos feminismos negros, bell hooks propõe importantes deslocamentos na produção de sentido e formação de novas imagens e imaginários articulados em produtos culturais contemporâneos, cuja densidade pode ser verificada na análise crítica feita pela autora ao documentário *Paris is burning* (1990), da cineasta lésbica Jannie Livinston, em que hooks identifica uma espoliação da cultura homossexual negra estadunidense. Questionando se “Paris está em chamas?”, o texto problematiza como o olhar de uma cineasta branca, que não aborda raça e sexo em sua obra audiovisual, dissimula essas dimensões raciais e sexuais e fabrica uma moldura de glamourização dos bailes e festas de drag queen negras. É por isso que bell hooks chega a afirmar que essa tendência de distanciamento da supremacia branca “possibilita que a negritude seja transformada em mercadoria de uma maneira sem precedentes”. (p. 274)

O fenômeno da “comodificação da Outridade”, debatido no ensaio “comendo o outro: desejo e resistência”, cuja lógica se dá num processo de exotização do Outro pelos marcadores da diferença em termos de raça e gênero, é um dos principais aspectos de análise destacados em *Olhares negros: raça e representação*. A dimensão da alteridade é debatida nos textos tendo



como plano de fundo a dimensão sociocultural e histórica que privilegiou a figura do homem branco colonizador diante de outros sujeitos colonizados. Nesse sentido, bell hooks explora o imaginário colonial que elaborou desejos e fantasias acerca das culturas e corpos não-brancos, considerados outrora como objetos que devem ser possuídos, dominados, “comidos” e apropriados. A autora identifica esse processo antropofágico colonial no seio da cultura de massa contemporânea, alertando para as dinâmicas de encontro com o Outro como uma estratégia de fuga da mesmidade da cultura branca. Afinal, destaca bell hooks, “encontros com a Outridade são claramente marcados como mais excitantes, mais intensos e mais ameaçadores”. (p. 74)

A denúncia feita por bell hooks, assim como outras feministas negras em diáspora, sobre a “comodificação da Outridade” é fortalecida no ensaio “Vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural”, cuja tônica é voltada para os modos estereotipados da representação da sexualidade da mulher negra, vista como selvagem, animalesca e voluptuosa. A autora elabora uma crítica à imagem construída da cantora Tina Turner, apoiando-se num cenário cultural estadunidense que marca os papéis sexuais da mulher negra como objeto de provocação erótica, como figura mais próxima da natureza selvagem e do descontrole sexual. Destacando como a biografia de Tina Turner é consolidada pelo olhar da supremacia branca, hooks sentencia que a feminilidade negra é vendida como um produto de consumo para espectadores brancos que se regozijam com o espetáculo do contato com o Outro.

A articulação interseccional entre raça e gênero atravessa a escrita de *Olhares negros: raça e representação*. Essas dinâmicas que envolvem as dimensões raciais, sexuais e de gênero são acentuadas no ensaio “Reconstruindo as masculinidades negras”, em que bell hooks elabora uma argumentação acerca dos modelos de masculinidade negra que fogem da lógica falocêntrica do patriarcado branco capitalista. Os modos de ser de homens negros das comunidades segregadas nos Estados Unidos da América apresentam uma diversidade de papéis de gênero que não se encaixam na imagem estereotipada de negro agressivo e dominador patriarcal. Além disso, esse texto, em especial, destaca como o imaginário racista consolidou uma imagem do corpo do homem negro centrada no lugar do falo como ferramenta de poder. Nesse sentido, homens negros são compreendidos como possuidores de falos grandes que colocam em risco a branquitude através da violação do corpo das mulheres brancas. A potência do argumento de bell hooks está em explorar outras subjetividades negras, destacando a existência de uma diversidade de masculinidades negras que não dialogam, necessariamente, com o estereótipo racista e falocêntrico do patriarcado branco capitalista.

A rebeldia é uma marca das escrituras de bell hooks. E é com essa rebeldia que a autora desvela a espinhosa ideia de branquitude exercida pela cultura da supremacia branca patriarcal



capitalista. Trazendo as dimensões de uma memória afetiva de sua infância, marcada pela vivência em espaços segregados no sul dos Estados Unidos da América, bell hooks examina o caráter estético do terror causado pelo contato entre as pessoas negras e as pessoas brancas. A autora rememora situações cotidianas em que a presença de corpos brancos afetava a *psique* de pessoas negras, ressaltando como o medo e o horror fazem parte de um imaginário que a população negra possui da branquitude. Sendo o branco uma figura marcada como algoz do histórico colonial, as pessoas negras associam diretamente o terror causado pelo racismo aos modos de comportamento da branquitude. bell hooks aponta como as comunidades negras produziram determinados conhecimentos sobre o comportamento da branquitude e suas estratégias de dominação racista. Com isso, a autora elabora uma arrojada arqueologia dos afetos e sentidos que marcam a posição social da branquitude.

Em síntese, bell hooks atribui ao olhar uma tarefa de poder. Seguindo o entendimento do poder panóptico elaborado pelo filósofo Michel Foucault, bell hooks interpreta como o olhar das pessoas negras foi interdito na escravidão, dessubjetivando os negros e tornando-os meros objetos de subserviência à branquitude. Ocorre que na contemporaneidade pós-colonial, a autora apela para estratégias de resistência que desenvolvem um olhar politizado e consciente. A autora nos diz que “o ‘olhar’ tem sido e permanece, globalmente, um lugar resistência para o povo negro colonizado” (p. 217), produzindo no cenário contemporâneo um determinado tipo de olhar que resiste, que nega, que critica os modos estereotipados que as representações racistas formularam e formulam sobre os corpos e as culturas não-brancas. Em *Olhares negros: raça e representação*, bell hooks nos oferece um caminho possível para a construção de outras imagens, outros imaginários políticos que possam romper com a supremacia branca capitalista que dominou o Ocidente.

